

Comportamento de cultivares de mamoneira em duas regiões ecogeográficas de Sergipe

Adriane Oliveira Cunha¹, Wilson Menezes Aragão², Máira Milani³, Vicente de Paula Neto⁴, Ana Cristina Oliveira de Almeida⁵

Introdução

A cultura da mamona reveste-se de grande importância para a economia do Nordeste, tanto como cultura alternativa de reconhecida resistência à seca, quanto como fator fixador de mão-de-obra no campo, gerador de empregos e de matéria-prima para obtenção de produtos indispensáveis ao desenvolvimento da indústria da região e do país. O seu cultivo é um dos mais tradicionais e importantes do ponto de vista social e econômico na região, apesar de o produtor nordestino utilizar sistemas de cultivo sabidamente empíricos e pouco eficientes [1].

Assim, a utilização de cultivares melhoradas deve ser à base do programa de fomento à cultura da mamoneira na região Nordeste. Atualmente, existem várias necessidades de pesquisa com mamona, entretanto, a principal prioridade para aumentar a produtividade e a estabilidade de produção, é a seleção de variedades altamente produtivas e adaptadas a regiões edafoclimáticas distintas e com alto teor de óleo.

Este trabalho objetivou avaliar oito cultivares de mamoneira em duas regiões de Sergipe.

Material e métodos

Os ensaios foram conduzido em 2005 nos municípios de Nossa Senhora das Dores (Campo experimental do Prado Sobral) e Carira (propriedade particular), sendo utilizadas 10 cultivares de mamona de porte baixo (CNPAM 2002-135, CNPAM 2002-154, CNPAM 2002-157, CNPAM 2002-189, CNPAM 2002-198, CNPAM 2002-219, CSRD 2, CSRN 142, CSRN 393, Epaba Ouro). Nossa Senhora das Dores está localizada à uma latitude de 10°29'30''S, longitude 37°11'36''W e uma altitude de 204m, apresenta uma precipitação média de 100mm. Já o município de Carira está localizado a uma latitude de 10°21'39''S, longitude 37°42'04''W e uma

altitude de 351m, com precipitação média anual de 824,7mm.

O delineamento experimental comum aos ensaios, em blocos ao acaso com cinco repetições e dez cultivares, implantados no espaçamento de 1m entre fileira e 1m entre plantas. Avaliou-se o número de dias para floração, altura do primeiro cacho (cm) e altura da planta (cm).

Foram realizadas as análises de variância individuais por local para verificar as relações entre os quadrados médios residuais entre locais e como esse valor foi inferior a 7,0, realizou-se a análise de variância conjunta, as médias entre cultivares e entre locais foram comparadas pelo teste de Tukey a $p \leq 0,05$.

Resultados e Discussão

Pela análise de variância conjunta não ocorreu diferenças significativas entre cultivares, local e para a interação cultivar x local, para qualquer das características avaliadas. Indicando neste caso o mesmo comportamento das cultivares nos dois locais (Tabela 1).

Já na análise individual verificou-se diferenças significativas apenas em Carira, exceto para dias para floração (Tabela 2). Assim, a variedade mais precoce foi a CSRD 2 para o início da floração, com média de 61,37 dias. No entanto, para altura do primeiro racemo e altura de planta, a variedade CSRN 142 destacou-se da CNPAM 2002-219, com 30,55 e 40,86 e 44,78 e 59,15, respectivamente.

Apesar de não ter ocorrido efeito significativo em Nossa Senhora das Dores, a cultivar CNPAM 2002-198 foi a mais precoce (60,50 dias), com menor altura de cacho (29,55cm) e menor altura de planta (43,08cm). A demanda atual requer cultivares de porte médio a baixo, de modo a facilitar a colheita, plantas mais precoces e com menor altura de racemo.

Os resultados indicaram que as variedades de porte baixo cultivadas em Queimadas e Carira apresentaram

1. Bolsista Embrapa Tabuleiros Costeiros. E-mail: aoliveiracunha@yahoo.com.br

2. Pesquisador Dr. do Laboratório de Melhoramento Genético, Embrapa Tabuleiros Costeiros - CPATC, Av. Beira Mar, 3250, Caixa Postal 44, CEP 49025-040, Aracaju - SE. E-mail: aragaowm@cpatc.embrapa.br

3. Embrapa Algodão, maira@cnpa.embrapa.br

4. Bolsista ITI/CNPq

5. Estudante de Agronomia/UFS

comportamento semelhante para os caracteres estudados, uma vez que a interação não foi significativa.

Referências

[1] AZEVEDO, D.M.P.; LIMA, E.F. **O Agronegócio da mamona no Brasil**. Campina Grande: Embrapa

Algodão. Embrapa Informação Tecnológica, 2001. p. 121-160.

[2] WEISS, E.A. **Oilseed crops**. London: Longman, 1983. 660

Tabela 1. Quadrados médios da análise conjunta para floração, altura do primeiro racemo (cm) e altura de planta (cm). Aracaju, 2005.

Fontes de Variação	GL	QM		
		Dias de floração	Altura 1 ^o racemo	Altura de planta
Bloco (Local)	8	41,97 ^{ns}	95,96 [*]	130,91 [*]
Local	9	32,93 ^{ns}	62,73 ^{ns}	98,56 ^{ns}
Cultivares	1	38,48 ^{ns}	48,85 ^{ns}	17,93 ^{ns}
Cultivares*Local	9	22,10 ^{ns}	35,71 ^{ns}	46,70 ^{ns}
Erro	72	43,69 ^{ns}	41,52 ^{ns}	68,30 ^{ns}
C.V. (%)		10,37	18,35	17,49

ns - não significativo,

* - significativo a 5%

Tabela 2. Valores para dias para floração, altura do primeiro racemo (cm) e altura de planta (cm) de mamona em duas regiões de Sergipe. Aracaju, 2005.

CULTIVARES	NOSSA SENHORA DAS DORES			CARIRA		
	Dias para floração	Altura 1 ^o racemo (cm)	Altura da planta	Dias para floração	Altura 1 ^o racemo (cm)	Altura de planta
CNPAM 2002-135	69,58 a	34,85 a	47,43 a	64,23 a	33,76 ab	46,54 ab
CNPAM 2002-154	64,75 a	35,83 a	48,28 a	66,14 a	38,08 ab	50,15 ab
CNPAM 2002-157	62,98 a	35,25 a	44,90 a	62,19 a	32,33 ab	42,35 ab
CNPAM 2002-189	64,39 a	33,93 a	45,28 a	62,23 a	36,24 ab	47,21 ab
CNPAM 2002-198	60,50 a	29,55 a	43,08 a	62,40 a	34,53 ab	47,20 ab
CNPAM 2002-219	68,95 a	36,30 a	50,13 a	61,90 a	44,78 a	59,15 a
CSRD 2	61,49 a	33,03 a	46,05 a	61,37 a	36,19 ab	49,19 ab
CSRN 142	63,33 a	33,33 a	47,00 a	65,10 a	30,55 ab	40,86 ab
CSRN 393	63,33 a	34,45 a	47,15 a	61,71 a	36,86 ab	48,65 ab
Epaba Ouro	64,15 a	37,59 a	48,93 a	63,76 a	34,79 ab	45,40 ab
Média Geral	64,345	34,411	46,823	63,103	35,811	47,67

Médias seguidas pela mesma letra na coluna não diferem entre si pelo teste de Tukey a $p \leq 0,05$,